

Roseli Barros Cunha*

O uruguaio Ángel Rama (1926-1983) é reconhecido como um crítico literário que, ao longo de sua ampla obra, preocupou-se em construir um projeto de América Latina que integrasse o continente e preservasse sua independência sócio-política, econômica e cultural. Fazia parte de sua proposta integradora a participação do Brasil, por isso procurou um intercâmbio com críticos brasileiros, como, por exemplo, com Antonio Candido. Ao mesmo tempo, é preciso enfatizar que Rama não se esquece de suas raízes espanholas.

Entre seus numerosos ensaios, devemos citar *La generación crítica, 1939-1969* (1972), *La novela latinoamericana* (1982) y *Transculturación narrativa en América Latina* (1982). Rama foi também autor de obras teatrais e de algumas obras narrativas, entre elas *Tierra sin Mapa*, publicada pela primeira vez em 1961. Nela, Rama narra as histórias que sua mãe, espanhola da Galiza, lhe contou e que ela, por sua vez, ouvira em sua infância. Conta-nos, portanto, um pouco da história do povo galego, de sua mãe e de seu próprio passado.

No episódio “Máscaras na romaria”, de *Tierra sin Mapa*, temos o entrecruzamento de temas populares, como as histórias de curas e banhos milagrosos, correntes na Galiza; e

*¹ Doutoranda do Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP.

também de temas eruditos, por meio da citação, ainda que não literal, de versículos do *Evangelho Segundo São Marcos*.

Ao contrapor esses dois temas, Rama promove um “desmonte”, de certa forma, na visão católica de que os sofredores são necessariamente os bons e aguardam resignadamente as compensações dos céus.

A personagem Lina, inspirada pela infância de sua mãe e pela própria, sente na pele que aqueles romeiros querem a sua saúde, tocam-na na tentativa de se tornarem sãos. Porém, este aprendizado pelo qual passa a menina é suavizado pelo encontro com o deficiente que lhe mostra um mundo menos maniqueísta. Lina apreende o mundo, portanto, não só na prática, pelo que sente, mas também pelo que lhe mostra o desconhecido.

O texto que aparece a seguir faz parte da tradução completa de *Tierra sin Mapa*, que integra a dissertação de mestrado “Um fio na trama das idéias de Ángel Rama: *Tierra sin Mapa* (tradução anotada e comentada)”, defendida por mim na Universidade de São Paulo em 1999.

Bastó un leve sacudón, los dedos se abrieron y una mano se desprendió de la otra. Lina quedó separada de su tía, y el río humano en que venían apresadas la arrastró cuesta abajo, hacia el santuario. Vio dos veces la cabeza de su tía que la llamaba, intentó detenerse, pero todo fue en vano. La muchedumbre de los romeros la había atrapado y se la llevaba.

Venían voceando desacompasadamente una letanía plagada de latines; con ella imploraban y también exigían, la salud y el perdón, pues para ellos ambas cosas eran una. Se movían a bruscas sacudidas de un andar torpe: se golpeaban entre sí, se detenían de pronto formando remolinos, para luego

echar a correr, apresurados, por la pendiente, levantando la cabeza para gritar a voz en cuello.

Quienes corrían hacia el santuario eran ciegos, lisiados, enfermos a quienes se conducía en improvisadas angarillas, deformes de toda índole, y sus multicolores atavíos, sus pobreza y desnudeces relucían bajo el sol.

Un cojo que marchaba a saltos detrás de la niña le golpeó las piernas con la muleta cuando ella se detuvo, y aproximándole un rostro barbudo y abotagado, le gritó:

– Canta niña, canta; si tú no lo necesitas al menos por nosotros – y levantando la cabeza como un animal testarudo volvió a incorporarse a la letanía gritando a pleno pulmón un rezo incomprensible.

La empujaron dos monaguillos que se abrían paso a empellones, protegiendo los grandes cirios humeantes que llevaban en las manos. Salieron de la procesión al fin, y los vio correr por las laderas de la colina, tratando de llegar primero al santuario: sus trajes rojos y blancos brillaban sobre el pasto verde dulcemente iluminado por el sol.

Quiso seguirlos, cortando de costado la muchedumbre, pero ésta la arrastraba implacablemente. De pronto una mano la detuvo aferrando su cabeza rizada, y una voz la alcanzó:

- ¿Vas sola?
- Sí.
- Pues llévame a mí que soy ciega.
- (...)

Bastou um leve sacolejão, os dedos se abriram e uma mão se desprende da outra. Lina ficou separada de sua tia, e o rio humano em que vinham aprisionadas a arrastou ladeira abaixo, em direção ao santuário. Viu duas vezes a cabeça

de sua tia, que a chamava, tentou parar, mas tudo foi em vão. A multidão dos romeiros a havia aprisionado e a levava.

Vinham vozeando descompassadamente uma ladainha infestada de latins; com ela, imploravam, e também exigiam, a saúde e o perdão, pois para eles ambas as coisas eram uma só. Moviam-se com bruscas sacudidas de um andar torpe; chocavam-se entre si, detinham-se de repente formando redemoinhos, para depois se pôr a correr, apressados, pela descida, levantando a cabeça para gritar com toda a força.

Os que corriam para o santuário eram cegos, aleijados, doentes conduzidos em improvisadas padiolas, disformes de toda índole, e seus multicolores atavios, suas pobreza e nudezas reluziam sob o sol.

Um manco que caminhava aos pulos atrás da menina golpeou-lhe as pernas com a muleta quando ela parou e, aproximando-lhe um rosto barbudo e inchado, gritou-lhe:

– Cante, menina, cante! Se você não precisa disso, ao menos por nós – e, levantando a cabeça como um animal teimoso, tornou a incorporar-se à ladainha, gritando a plenos pulmões uma reza incompreensível.

Empurraram-na dois coroinhas que se abriam caminho aos trancos, protegendo os grandes círios fumegantes que levavam nas mãos. Saíram da procissão, por fim, e ela os viu correr pelas ladeiras da colina, tratando de chegar primeiro ao santuário; suas roupas vermelhas e brancas brilhavam sobre o pasto verde docemente iluminado pelo sol.

Quis segui-los, cortando de lado a multidão, mas esta a arrastava implacavelmente. De repente, uma mão a deteve, aferrando sua cabeça cacheada, e uma voz chegou até ela:

– Está sozinha?

– Estou.

– Então me leve, que eu sou cega.

Uma mulher velha mexia de um lado para o outro a máscara de seu rosto, procurando pela voz de Lina, que ca-

minhava a seu lado. Tinha os olhos cobertos por nuvens cor cinza azulado, que lhe ocultavam as pupilas, a cara deformada por três lobinhos vermelhos, como outros tantos narizes, por entre os quais emergia uma boca retorcida.

Manuseou-lhe o rosto e o corpo, como se estivesse lhe fazendo cócegas, até que, chegando a sua mão, apressou-a com força e lhe disse, suspirando aliviada:

– Agora me leve. Com cuidado – e se pôs a cantar a ladinha, enquanto com a mão livre içava um pau, com o qual marcava o lento compasso e ao mesmo tempo fustigava os que caminhavam adiante dela.

– Não me cutuque! – exclamou o velho que a precedia, cuja face e braços nus estavam cobertos de manchas negras em forma de grandes orelhas. – Você não é a única que vai ao Santo, e tudo aquilo que você fizer agora ele levará em conta quando chegar a sua vez.

– É ela que nem ao menos sabe me levar! – respondeu a cega, puxando o braço de Lina, a quem repreendeu, agitando sua máscara de lobinhos vermelhos. – Olhe por onde anda, ou eu ensinarei você a pauladas.

Lina teve medo. Estendendo o braço livre, tratou de resguardá-la dos que iam à frente.

Muito rápido, a cega resmungou algo a respeito de suas fadigas e dos anos e ordenou:

– Cante você por mim, que já estou cansada.

Lina não sabia o que devia cantar, nem entendia uma palavra do que vozeava a multidão. Para não desobedecer, pôs-se a cantar suavemente a história da pomba que veio em busca de água.

A multidão ia se distribuindo pela ladeira, ao redor do santuário que coroava o monte. Do outro lado estava a praia, e o mar, dentro do qual ressoavam os pesados sinos da igreja. As gaviotas voavam sobre a terra, chiando destemperadamente. Pelo céu, subia o sol a caminho do meio-dia.

A cega aspirou o ar impregnado pelo forte odor da ressa-
ca e comentou:

– Está se formando uma tormenta. Desta vez o santo
não vai curar quase nada. Leve-me para um lugar tranqüilo,
perto do santuário. Onde esteja meu compadre Benito.

Lina não se atreveu a dizer que não o conhecia. Condu-
ziu-a por entre os grupos que se instalavam entre os penhas-
cos da ladeira. A cega reconhecia imediatamente a presença
de pessoas, mesmo quando não estavam falando e, levantando
uma voz lamuriosa, perguntava:

– Você está aí, Benito?

De repente, uma voz as interpelou:

– Aonde a senhora vai, dona María?

– Quem é? – perguntou a cega, virando os lobinhos ver-
melhos para o lado de onde procedia a voz masculina. Tam-
bém se virou Lina e descobriu que quem as olhava sorridente
era um homem jovem, de cabelo enegrecido. Melhor dizendo,
um pedaço de homem jovem; estava sentado num carrinho,
pois carecia de pernas. Faltava-lhe também um braço, um
olho, e a bochecha correspondente estava pregueada por uma
enorme cicatriz. Para falar, torcia a boca para o outro lado,
com um gesto que, não obstante sua ruína física, tornava-o
engraçado.

– Sou eu, o meio Antonio – disse e proferiu uma alegre
risada. Nem bem havia concluído, quando a acompanhou com
um grasnado cúmplice uma mulherzinha sentada do seu lado;
magra, cabelos escorridos, carnes sumidas e olhos lângui-
dos.

– Ah! Mas então é você! Não perde uma procissão! Viu o
meu compadre Benito?

– Não. Deve estar metido na água, porque é sempre um
dos primeiros. E do jeito que ele é, no dia em que se curar,
afoga-se em seguida de susto. – Tornou a rir e tornou a fazer-
lhe um eco submisso a mulherzinha.

Antonio convidou a cega a se sentar com eles. A mulher pareceu despertar então de seu sonolento cansaço e perguntou, olhando para Lina:

– Quem é essa?

– É minha sobrinha – respondeu imediatamente e com naturalidade a cega, acomodando-se perto de Antonio.

Lina teve uma reação impensada, como uma indignação de toda a sua pequena pessoa, diante da atribuição falsa:

– Não, senhora, não.

– Como? – perguntou a cega e acrescentou com rancorosa parcimônia: – Você sabe quem era seu pai?

Antonio celebrou o ocorrido com uma grande risada e tanto a cega como a mulherzinha o acompanharam. A risada da cega colocava um estremecido movimento nos seus lobinhos vermelhos, entrefechava os olhos e retorcia a boca. Por fim se acalmou e, apoiando-se no carrinho, perguntou:

– E então? Recolheu muito hoje?

– Mais ou menos – respondeu o outro, fazendo um gesto de aborrecimento. – Esta não sabe pedir, de modo que quase sou eu sozinho para tudo. Espero que o padre tenha guardado algo para mim.

Nos diversos grupos dispersos pela ladeira, os doentes e seus acompanhantes dispõem-se a comer o que haviam trazido em suas cestas. Com o cheiro da comida, cresce uma felicidade alvoroçada, que passa de uns para outros e sobe como um regueiro ruidoso até o santuário onde os sinos continuam ressoando com alegre repique.

– O que você tem para comer? – pergunta a cega, despontando um sorriso na sua boca franzida.

Antonio a olha com sua careta humorística e olha a sua acompanhante. Ela compreende e, como se houvesse encontrado a válvula para soltar sua aspereza natural, responde:

– O suficiente para nós dois.

– Onde comem dois, comem três – sentencia a cega, com franqueza, mexendo tranqüilamente sua carranca.

– Mas não quatro – argumenta Antonio, apontando para a menina.

A cega compreende. Batendo as mãos, grita:

– Ei, você! Se quiser comer, vá pedir. Aproxime-se de onde estiverem comendo e meta a mão bem entre eles, perto da comida. E peça dizendo: “Uma caridade para uma pobre cega faminta e uma coisinha para mim”. Entendeu?

– Sim, senhora.

– Pois então repita.

Lina repete com uma vozinha frágil, e a velha balança a cabeça desconforme.

– De você não se poderá tirar muito. Bem, andando! Mas antes deixe-me os sapatos. Para que você não escape.

A menina em seguida se resolve, desamarrando rapidamente seu calçado. Não pensa em voltar; não suspeita de que a velha supõe que não voltará. Seguida pelos grunhidos da mulher, afasta-se correndo e não se detém até se encontrar muito distante.

Não conhecia ninguém, e todos a assustavam da mesma maneira. Na ladeira se celebrava uma alegre festa, resplandecente de cor, de música. Mas, quando se observava de perto essa multidão, via-se a outra realidade que o sol e o ar decoravam.

Ofegante, detém-se perto de um grupo onde um homem toca violão, cantando uma alegre toadinha, à qual os demais fazem coro. Mas o motivo da diversão não é o canto, e sim dois mancos, que, apoiando-se em suas muletas ou brandindo-as como espadas infantis, dançarolam como dois grotescos fantoches.

Poderia ser um baile, uma lenta disputa, ou o arremedo de um exercício cabalístico; aqueles que os rodeiam atizam a dança com algazarra, cruzando apostas sobre as respectivas

resistências físicas, ou repreendendo-os quando parecem desfalecer e vacilar sobre suas frágeis muletas. Mais do que uma dança, resulta numa dolorosa batalha: pulando repetidas vezes sobre uma perna em equilíbrio, balançando-se ou deslocando-se com a ajuda das muletas que prolongam seus braços, os mancos tratam de vencer-se mutuamente resistindo à própria fadiga. Na roda circula um garrafão de vinho, que agitam diante dos mancos, para incitá-los a continuar sua dança, anunciando-lhes assim o prêmio.

Lina afasta-se, aproximando-se de outro grupo menos alvoroçado e, pelo mesmo motivo, menos temível. Vários peregrinos juntam a cabeça para ouvir melhor um homem que, no centro da roda, recita com voz grave. É a voz que atrai Lina, porque é a mesma daquele predicante que um dia passara por seu povoado. Mas não é ele; somente a voz que recita é idêntica, com um matiz cerimonioso, persuasivo.

– *Veio a Ele um leproso, suplicou-lhe e, ajoelhando-se, lhe disse: “Se queres, podes limpar-me”. Então Jesus, movido pela compaixão, estendeu a mão, tocou-o e lhe disse: “Quero. Sê são”. No mesmo momento a lepra deixou-o e ele ficou são.*

A voz soa mais majestosa ainda que o mar que sobressai no fundo do vale e, quando se apaga, seus silenciosos ouvintes continuam escutando-a. No silêncio, diz uma mulher com nostálgica admiração:

– “Se queres, podes limpar-me!” Ah! Eram outros tempos!

– Não se vá – exclama outro – e conte para nós a ressurreição da filha de Jairo!

– Sim, a ressurreição – repete outro.

– Essa me dá muito trabalho – responde, recompondo-se, enquanto faz soar dentro da mão umas moedas.

Os doentes compreendem a alusão e calam. Uma mulher que sustenta sobre seus joelhos um menino que é quase um esqueleto revestido de pele, onde somente se movem os olhos, estende-lhe uma moeda, dizendo-lhe:

– Ao menos a do cego de Betsaida, que é curta.

O homem aceita a moeda, mas não volta a se sentar. De pé, cruzando os braços sobre o peito e olhando ao longe, salmodia docemente as frases do evangelho.

– *Foram depois a Betsaida* – diz monotonamente, com a cabeça orientada para a extensão do mar – *e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse. E Ele, pegando a mão do cego, conduziu-o para fora do povoado, cuspiu-lhe nos olhos e impôs-lhe as mãos; depois lhe perguntou: “Vês algo?” Ele levantou os olhos e disse: “Vejo os homens; vejo-os como árvores que caminham”.*

Nem bem termina a história, parte, sacudindo as moedas, para aproximar-se de outros grupos, onde oferece sua mercadoria: “As histórias das curas de Jesus”, “Os milagres do Senhor nos cegos, paralíticos, endemoniados e leprosos”.

Lina, de joelhos, deixou-se balançar por essa voz grave, reconquistada para um mundo mais acolhedor. Mas agora se encontra rodeada de doentes que a observam com curiosidade, quase alarmados por sua presença:

– De onde saiu essa menina? – pergunta a mulher que tem no colo seu filho doente.

– Apareceu sozinha, como um milagre! – exclama outro.

Lina olha a seu redor e o que vê quebra de repente o sortilégio: caras amarelas, deformadas; um grosso lábio pendurado; pústulas das quais o calor faz brotar uma água que mancha as ataduras; um rosto sem vida onde as pupilas estão coladas como duas bolinhas ao longo nariz; uma pele descascada, desenhada minuciosamente de branco, como um mapa escolar.

O lábio se agita:

– O que você faz aqui?

As pústulas também falam:

– Quem é você? De onde vem?

E ainda o rosto sem vida:

– Pode dar algo para nós? Para que você veio?

Não atina em dizer uma palavra; não poderia. O cerco fechou-se ao seu redor e ela somente queria chorar desesperadamente, tapando o rosto com as mãos, para não ver nunca mais essa atroz decomposição das figuras humanas.

Eles falam, olhando-a curiosamente, como se ela não fosse um ser humano real, porque não se parece com eles. Como se ela fosse um monstro ou por acaso a árvore que, ao abrir seus olhos pela primeira vez, o cego viu que se movia como homem.

– É bonitinha – diz uma voz.

– Onde ela está? Aproximem a menina de mim, quero tocá-la – murmura um velho de pálpebras fechadas, e seu guia a repreende:

– Venha, aproxime-se, que ele é cego e não pode.

– Boazinha como a Virgenzinha menina – diz a mulher.

– Aproxime-se e toque em mim. Você me trará sorte.

– Em mim, em mim, me dá um beijo!

– Toque em mim com suas mãozinhas.

– Aqui, onde tenho uma chaga. Cure-me!

– Se você é pura, poderá tirar os demônios como Ele. Olhe os volumes que me formaram debaixo das costelas, diga a eles que desapareçam.

As mãos e os cotós se estendem até Lina, e seus protestos são desatendidos ou por acaso simplesmente incompreendidos. Por fim, pegam-na delicadamente, acariciam-na, passam-na de mão em mão, disputam-na.

– Sinto que vou me curar.

– Que carinha macia, como um veludo!

– Toque nesse meu menininho, que está secando.

Não sabe como, mas de repente consegue fugir, manuseada, arranhada, vencida pela repugnância. Cruza o campo, onde a festa vai crescendo em vinho, em alegria, em

estrépito, enquanto ela chora. Livra-se dos grupos onde se come e se dança, onde se agitam orgulhosos os disformes. Parece-lhe que do mundo somente restam migalhas de homens.

Mas só chora realmente quando chega diante da beira do mar, que bate indiferente na costa. Chora por ela, que se perdeu entre seres cobiçosos de sua normalidade; e chora também porque alguém permitiu que esses monstros existam sobre a terra.

Atrás dela soa uma inflexão varonil:

– Por que você está chorando? O Santo também não curou você?

Junto à pedra, está estendido um homem de idade madura coberto por uma puída manta. Sentou-se para falar-lhe, mostrando meio corpo por cima da roca. É uma cabeça benévola que Lina revista com rápido olhar: nada falta nela, salvo o cabelo, que foi reduzido a uma esponjosa auréola loira e cinza ao redor de suas têmporas. Seus olhos castanhos olham-na sorridentes e, como ela continua calada, lhe diz com tranqüila franqueza:

– Alguns faz vinte anos que vêm; não é para chorar, na sua idade. O que aconteceu com você? Do que você é doente? Você é muda?

Ganha pela confiança que lhe inspira, Lina fala, por fim:

– Não, senhor.

– Do que você padece, então?

– De nada, senhor. É que eles me deram medo...

Ele contempla-a. Calado. Volta a cabeça para a ladeira estrepitosa onde arde a festa ao meio-dia e depois olha para a menina.

– Porque são feios?

– É... – confessa Lina, sabendo entretanto que não é isso, e sim muito mais, alguma coisa para a qual não encontra as palavras adequadas. Ele suspira e a chama:

– Venha aqui.

Tira do bolso um grande lenço, com o qual lhe seca as lágrimas e lhe faz assoar o nariz, enquanto lhe diz suavemente:

– Escute-me; há que se ter piedade deles. São muito desgraçados.

– Mas por que não são bons?

– Você é muito menina para compreender isso. Quando se é assim, não é fácil ser bom. Se você soubesse o que é viver anos e anos suportando as gozações dos demais, conformando-se com as injúrias, sendo frágil e não podendo resistir a outros que são maus, mas também são fortes... E eles não têm culpa, filhinha: Deus mandou-lhes essas desgraças.

– Por algum motivo deve ter sido – murmura Lina, com um gesto rancoroso.

– Ninguém sabe! – suspira o homem. – Ninguém sabe se Deus manda essas desgraças como um castigo ou... ou para outra coisa.

– Para quê?

– Não sei. Pode ser que seja para provar os homens, para que cheguem a ser melhores. Como você se chama?

– Carolina.

– Bem, Carolina, eu acredito que todos os seres humanos têm alguma doença. Como esses, que você viu ali em cima, esperando que o Santo lhes faça um milagre. Neles se vê; em outros não, porque elas são doenças escondidas, que se disfarçam. Quem lhe disse que não são piores, muito piores que as chagas?

– Mas o senhor não – responde Lina, entre perplexa e alarmada.

– Eu também.

Sorrindo, sem afastar os olhos do rosto da menina, intensificando o sorriso para tranquilizá-la, começa a recolher a manta que cobre seu corpo. Antes, diz-lhe docemente:

– Não se assuste, Carolina.

Debaixo da manta, aparecem, soltos, dois sapatos desparceirados: um é maior do que o outro, mas os dois estão igualmente destroçados, com o couro partido, os dois cordões substituídos por fios, a sola esburacada, recheados de papel.

Continua recolhendo a manta e aparecem os pés. Um deles normal: um grande pé de dedos grossos, sujos e de unhas curtas; um pé com abundantes pêlos no peito, com as veias talhadas à navalha sobre a superfície pegajosa, com ossos salientes, como se debaixo da pele escondesse um ouriço de paus. O outro disforme: torcido para um lado com um movimento abrupto e antinatural, com um só dedo afilado, carente de unha como uma lingüeta de carne mais apropriada para um esquisito animal marinho que para um homem.

Lina passa os olhos de um a outro, comparando-os, para estabelecer as diferenças. Para ela, é como se pela primeira vez na vida visse um pé. Atraem-na tanto um quanto o outro, porque os dois resultam igualmente arbitrários e lhe parece impossível que façam parte do corpo. Desconcerta-lhe o ângulo reto que descreve o pé normal, opondo-se à direção da longa e robusta perna; impressionam-lhe os dois ossos simétricos que sobressaem a cada lado, como se fossem duas roldanas recobertas de pele, e depois desse descenso de carne percorrida por fortes veias que termina no festão dos dedos, pequenos demais para o pé, absurdamente inúteis com seu leque cada vez mais reduzido a partir do primeiro, gordo e chato.

E, olhando o pé disforme, com seu ângulo lateral, sua magreza, e essa forma de chinelo branco ou de nadadeira de peixe retorcida na ponta, pergunta-se: “Por que não serão assim nossos pés, em vez de ser do outro modo?”

Tão assombrada de seu descobrimento, que levantou o olhar para dizer-lhe isso e nos olhos do homem viu algo que a fez calar-se. Ela era uma menina pequena; ele era um homem

feito, porém a estava olhando com medo e vergonha. O sorriso que sustentava nos lábios parecia pronto a se romper tão logo ela dissesse uma única palavra desdenhosa.

Atrás dele, lá longe, viu a figura alta da tia, que a chamava com grandes gestos. Com ela, vinha correndo até Lina o mundo de sempre e se afastava rapidamente o pesadelo de monstros entre os quais havia caído.

Sentiu-se muito mais velha e muito segura. Inclinando-se um pouco, acariciou com a mão o pé doente, cuja pele suave sentiu sobre a pele de sua palma.

– Mas se nem dá para se perceber! Não tem importância, e Deus vai curar você, tenho certeza.

Sem esperar resposta, correu até a tia, sem se preocupar com a onda que quebrou a seu lado e a cobriu de gotas de espuma, sem ouvir esse “obrigado” de cachorro agradecido, e não de homem, que soou às suas costas.